

# ANÁLISE DO DISCURSO DE CRIADORES DE CAVALO CAMPEIRO NO SUL DO BRASIL: INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO PARA CONSERVAÇÃO E FORTALECIMENTO DA RAÇA

## CONSERVATION ISSUES FOR THE TRADITIONAL CAMPEIRO HORSE BREED IN SOUTHERN BRAZIL BASED ON FARMERS' SPEECH ANALYSIS

Solano G.A.<sup>1\*</sup>, Silva M.C.<sup>2</sup>, Rocha F.E.C.<sup>3</sup>, Silva D.C.<sup>2</sup>, Lopes F.B.<sup>3</sup>, Fioravanti M.C.S.<sup>4</sup>, Sereno J.R.B.<sup>3</sup>

<sup>1</sup>ABRACCC, Curitiba, Santa Catarina, Brasil. \*gi880@hotmail.com

<sup>2</sup>Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil

<sup>3</sup>Embrapa Cerrados, Planaltina, Brasil

<sup>4</sup>Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

### Keywords:

Araucaria  
Equine  
Local breed  
Santa Catarina  
Content analysis

### Palavras chave:

Análise de  
Conteúdo  
Equinos  
Mata das  
araucárias  
Raça local  
Santa Catarina

### Abstract

The Campeiro horse is a local breed from Southern Brazil. Currently, it is in risk of extinction. This study was undertaken to identify and sort out major topics related to Campeiro horse breeding based on the analysis of farmers' conversation. Data were obtained by interviewing eleven Campeiro owners using a questionnaire and a portable audio recorder. Speech content analysis was carried out according to Bardin (2004). Two major categories emerged from 508 Elementary Context Units (UCEs): 1) *Factors that influence the choice for horse breeding* (58.66% of all UCEs); 2) *Perceptions about the development of the breed* (35.24%). Category 1 was divided in three primary subcategories (SP): *Cultural Influence* (subdivided in *Traditionalism* and *Inheritance*), *Affection for horses* (subdivided in *Horses in general*, and in *Specific for Campeiro*), and *Purpose* (subdivided into *Leisure* and *Labor*). The secondary subcategory (SS) "*Specific for Campeiro*" was divided into four tertiary subcategories: *Docility*, *Rusticity*, *Resistance* and *Comfort*. Category 2 was divided in two SP: *Favorable perspectives* (subdivided in *Commercialization* (22.35% of category 2) and *Organization Structure* (18.99%)). In general, category 1 revealed a strong local identity, considering local culture, family tradition and Campeiro breeding, besides the actual purpose of the horse and some advantages in using this breed. Category 2 revealed some perceptions about favorable and unfavorable issues for the near future.

### Resumo

O cavalo Campeiro é criado no Sul do Brasil. Existe uma associação de criadores atuante, mas esta raça local ainda é classificada como ameaçada de extinção. Objetivou-se identificar e hierarquizar temas diversos envolvidos com a criação do cavalo Campeiro, a partir do discurso de criadores. Com uso de questionário e gravador portátil, onze criadores de Santa Catarina, Brasil, foram entrevistados de modo a revelarem temas de maior importância para a elaboração de um diagnóstico inicial. Utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo, conforme Bardin (2004). O corpus foi composto por 508 Unidades de Contexto Elementar (UCEs) e duas categorias emergiram: 1) *Fatores que influenciam a opção pela equinocultura* (58,66% do total de UCEs); 2) *Percepções sobre o desenvolvimento da raça* (35,24%). A categoria 1 foi dividida em três subcategorias primárias (SP): *Influência cultural* (subdividida em *Tradicionalismo* e *Herança*), *Afeição por equinos* (subdividida em *Equinos em geral*, e *Específica pelo cavalo Campeiro* (sendo esta última subcategoria secundária subdividida em quatro subcategorias terciárias: *Docilidade*, *Rusticidade*, *Resistência* e *Comodidade*), e *Finalidades* (subdividida em *Lazer* e *Trabalho rural*). A categoria 2 foi dividida em duas SP: *Perspectivas favoráveis* (subdividida em *Procura por exemplares*, *Estratégias de divulgação* e *Expectativas positivas*), e em *Dificuldades* (subdividida em *Comercialização* (22,35% da categoria 2) e *Estrutura Organizacional* (18,99%). A categoria 1 revelou forte identidade, cultura e tradição familiar na criação de cavalo Campeiro, além de vantagens de utilizar esta raça e as suas finalidades, e a categoria 2 traduziu as percepções de aspectos favoráveis e também desfavoráveis para o futuro próximo.

## Introdução

Dentre as espécies mamíferas que possuem altos índices de raças em risco de extinção, os equinos ocupam o primeiro lugar, com 23% das raças ameaçadas de extinção (Fao, 2007). Ao contrário da situação na Europa, Caucásia e na América do Norte, há escassez de dados sobre esses animais na maioria dos países em desenvolvimento, sendo a conservação desses animais pouco priorizada (Mariante et al., 2008).

No Brasil existem 23 raças de equinos. Dessas, 11 foram formadas no país: Brasileiro de Hipismo, Campolina, Mangalarga Machador, Mangalarga Paulista, Crioulo, Nordestino, Campeiro, Lavradeiro, Marajoara, Pantaneiro e Puruca. Com exceção das primeiras quatro raças citadas, as demais foram originadas a partir da dispersão de manadas pelo país, sendo produtos dos diferentes processos de seleção natural, adaptação aos ecossistemas e, mais recentemente, de cruzamentos direcionados pelo homem. No ano de 2008, o Nordestino, Campeiro, Lavradeiro, Marajoara, Pantaneiro e o Puruca, já estavam contemplados em projetos de pesquisa do Programa Brasileiro de Conservação de Recursos Genéticos Animais (PBCRGA). Acrescenta-se ainda, o cavalo Baixadeiro, o qual pode ser considerado um grupo genético brasileiro, que também foi incluído em projetos do PBCRGA (Mariante et al., 2003; Giacomoni, 2007; Mariante et al., 2009; Silva et al., 2012).

O cavalo Campeiro descende dos animais trazidos pelos espanhóis nos séculos XVI e XVII, e sua origem é atribuída, mais precisamente, à expedição do espanhol Álvarez Nuñez, conhecido como “Cabeza de Vaca”, em 1541. O expedicionário chegou a Santa Catarina, sul do Brasil, conduzindo alguns cavalos e logo tomou a direção das serras, rumo a noroeste do estado, com destino a Nossa Senhora de Assunção, no Paraguai. Durante esta expedição, alguns exemplares teriam ficado pelo caminho, multiplicando-se durante muitos anos, de modo aleatório. A primeira notícia oficial da presença de equinos vivendo livremente em Santa Catarina ocorreu no ano de 1728, por Francisco de Souza e Farias, quando da abertura do Caminho dos Conventos, que, partindo de Araranguá, SC, transpôs as matas da Serra Geral e, no Planalto, deparou com grande número de equinos e bovinos. Cristóvão Pereira de Abreu também registrou a presença de animais no mesmo local, agregando alguns à sua tropa, iniciando a domesticação desses animais (ABRACCC, 1984). Como ocorrido com diversas raças brasileiras de equinos, e citado anteriormente, os cavalos Campeiros se adaptaram e se multiplicaram naturalmente durante anos, e por meio de seleção natural constituíram-se as características que hoje as definem como raça (McManus et al., 2005; Lima et al., 2006; Suprinyak, 2006).

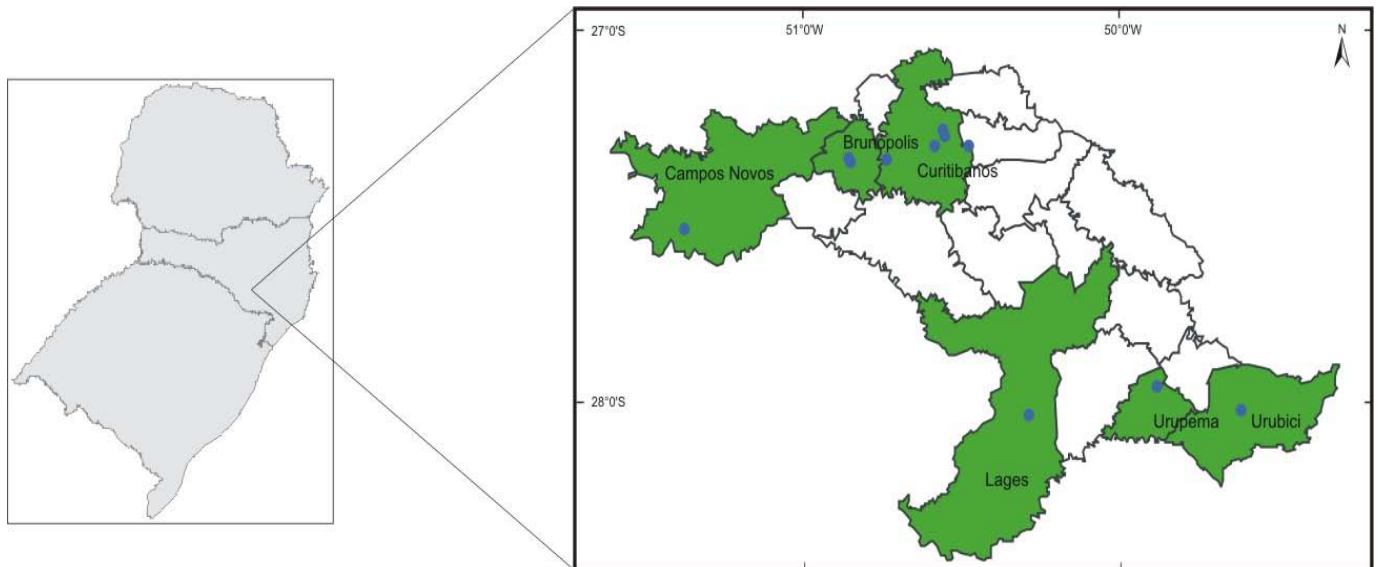
Segundo Pessoa Filho (2006), a criação do cavalo Campeiro já foi abundante na região dos planaltos de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e na região dos Pinhais, no Paraná. Devido à localização, basicamente na região dos pinheiros (*Araucaria angustifolia*), essa raça ficou conhecida como o “Marchador das Araucárias” (Egito et al., 2002; Fao, 2007; ABRACCC, 1984). Contudo, em 1984 a raça era encontrada basicamente entre as cidades de Lages, Campos Novos e Curitiba, em Santa Catarina (ABRACCC, 1984). Para McManus et al. (2005), a restrição observada em sua área de ocorrência foi acompanhada pela diminuição da população e do número de registro de animais pela Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Campeiro. Essa associação foi criada em 1976 a partir da reunião de entusiastas da raça na cidade de Curitiba/SC, com recursos próprios e finalidade única de defesa e amparo deste patrimônio genético (ABRACCC, 1984). Contudo, com a expansão da raça em décadas seguintes, surgiu a necessidade da criação de núcleos da associação, e em 2011 foram instituídos os núcleos de Concórdia e de Lages, em Santa Catarina, e de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, respectivamente.

A inclusão do cavalo Campeiro no PBCRGA gerou estudos em prol da caracterização da raça, principalmente nos aspectos genéticos e morfológicos (McManus et al., 2005; Silva et al., 2012). Todavia, apesar de uma associação atuante e um notável crescimento e reconhecimento da raça, atualmente ela é classificada como ameaçada de extinção. Apesar do total de fêmeas reprodutoras ser maior que 100, o número estimado ainda é inferior ou igual a 1000. Assim, no presente, objetivou-se realizar um estudo que auxiliasse na identificação de temas mais relevantes no contexto atual de criação do cavalo Campeiro, e que revelasse alguns fatores que impulsionam a criação da raça, que teriam potencial de agregar valor ou servir de estratégia para a conservação, fortalecimento e maior divulgação da raça.

## Material e Métodos

Foi desenvolvido um questionário contendo perguntas abertas, de modo a obter um grande número de informações registradas em aparelho portátil de gravador de áudio. As entrevistas foram realizadas no local de trabalho e/ou residência de onze criadores em abril de 2011, nos municípios de Curitiba, Campos Novos e Lages, estado de Santa Catarina (figura 1). Três entrevistados criavam seus animais nos municípios próximos de Urupema, Urubici e Brunópolis. As entrevistas foram agendadas por telefone, cujo contato foi fornecido pela

Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Campeiro (ABRACCC). Procedimentos de esclarecimento e consentimento livre antecederam as entrevistas e o registro de áudio.



**Figura 1.** Mapa ilustrativo dos municípios onde se localizam as fazendas dos entrevistados e os exemplares de cavalo Campeiro. (*Illustrative map of the municipalities where there are the farms of respondents and copies Campeiro Horse*). Fonte: Thaise Sussane de Souza Lopes, Laboratório de Biofísica Ambiental, Embrapa Cerrados

Para análise do discurso foi utilizado o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2004), sendo o procedimento dividido em três fases: 1) *Pré Análise*: as respostas gravadas foram transcritas no Microsoft Word gerando-se um banco de dados em forma de *corpus*, permitindo uma leitura flutuante e a familiarização com as respostas registradas; 2) *Análise*: caracterizado pelo recorte das sentenças que compuseram o corpus, respeitando os critérios gramaticais de contrariedade e reiteração para realização dos recortes. Os recortes foram separados pelo símbolo de barra “\”. Em casos quando existia sentido de complementaridade, dedução lógica, ou quando as orações continham sentido adversativo, a estrutura da sentença foi mantida, para que houvesse preservação do sentido original da resposta verbalizada pelo entrevistado (semântica), situação importante para o procedimento subsequente de categorização. As sentenças recortadas foram denominadas Unidades de Contexto Elementar (UCEs), que podem ser interpretadas como segmentos ou unidades menores de texto, que possuem um significado próprio. As UCEs foram aglomeradas segundo a maior similaridade do tema em questão, sendo posteriormente divididas em categorias, das quais emergiram subcategorias primárias (SP), subcategorias secundárias (SS) e subcategorias terciárias (ST). Assim, realizou-se a quantificação das UCEs (*f* e %) dentro das categorias e subcategorias. As sentenças que não se enquadravam em nenhum grupo foram desconsideradas, constituindo-se um arranjo de UCEs que não contribuiriam para a discussão dos resultados da pesquisa; 3) *Inferência/interpretação*: essa fase consistiu em descrever e dar sentido às categorias e subcategorias (operacionalização).

O nome dado às categorias e subcategorias originadas foi resultado de um critério *a posteriori*, ou seja, o modo como as UCEs foram agrupadas e as categorias e subcategorias originadas, e batizadas, não teve influência de preceitos e ideias de hierarquização de tópicos e subtópicos antes das etapas da análise de discurso realizadas (o que caracterizaria um critério de batismo *a priori*). As fases 2 e 3 do procedimento de análise foram realizadas mediante a presença de dois juízes, intimamente envolvidos com a linha de pesquisa e o projeto de pesquisa em questão, o que permitiu um exercício de interpretação e inferência mais participativo, dialogado e contextualizado. Alguns detalhes com relação à metodologia utilizada são ilustradas em Gordo et al. (2013) e características com relação ao perfil das fazendas, criadores, e o manejo animal praticado são idênticas ao descrito em Solano et al. (2011).

## Resultados e Discussão

As entrevistas tiveram duração de 20 a 40 minutos. As respostas transcritas geraram um total de 508 UCEs, das quais 6,10% foram descartadas do processo de categorização. Diversos temas surgiram no diálogo da entrevista,

sendo que neste universo de temas e subtemas, duas categorias principais foram originadas. A categoria 1 foi denominada *Fatores que influenciam a opção pela equinocultura*, representado por 58,66% do total de UCEs, e a categoria 2 foi batizada *Percepções sobre o desenvolvimento da raça* (35,24%) (tabela I).

**Tabela I.** Frequência (F) e percentagem (%) das unidades de contexto elementar (UCE) em tópicos e subtópicos da Categoria 1 e 2, referentes à análise do discurso proferido por criadores de cavalo Campeiro entrevistados em Santa Catarina em 2011. (*Frequency (F) and percentage (%) of elementary context units (UCE) in category 1 and 2, obtained by the speech analysis of interviews made in 2011 with Campeiro horse breeders in Southern Brazil.*)

CATEGORIA 1: Fatores que influenciam a opção pela equinocultura					
Subcategoria Primária	Subcategoria Secundária	Subcategoria Terciária	F	% Sub total	% Total
Influência Cultural	Tradicionalismo	-	28	9,39	
	Herança	-	49	16,44	
	Equinos em geral	-	60	20,13	
Afeição por equinos	Específica pelo cavalo Campeiro	Docilidade	22	7,38	
		Rusticidade	23	7,72	58,66
		Resistência	19	6,37	
		Comodidade	45	15,10	
Finalidades	Lazer	-	22	7,38	
	Trabalho rural	-	30	10,07	
Subtotal 1			298	100	
CATEGORIA 2: Percepções sobre o desenvolvimento da raça					
Subcategoria primária	Subcategoria Secundária		F	% Sub total	% Total
Perspectivas Favoráveis	Procura por exemplares		37	20,67	
	Estratégias de divulgação		42	23,46	
	Expectativas positivas		26	14,52	35,24
Dificuldades	Comercialização		40	22,35	
	Estrutura organizacional		34	18,99	
Subtotal 2			179	100	
UCEs descartadas			31		6,10
TOTAL DE UCES			508		100

Na categoria 1 surgiram três subcategorias primárias (SP): *Influência cultural* (25,83% da categoria 1), *Afeição por equinos* (56,7%) e *Finalidades* (17,45%). A SP *Influência Cultural* foi dividida em duas subcategorias secundárias (SS): *Tradicionalismo* (9,39% da categoria 1) e *Herança* (16,44%), o que ressaltou a influência da cultura local e familiar na criação de cavalos da raça Campeiro. São exemplos de UCE na primeira SP da categoria 1: “*Herdei alguns exemplares do meu pai, e continuei a criação dele*”; “*só tenho esses bichos por tradição para dar continuidade ao que o pai e o avô fizeram*”. É sugestivo afirmar, com base nas SS (*Tradicionalismo* e *Herança*) que a tradição “gauchesca” é a identidade local do grupo entrevistado, que segundo Campos (1998) refere-se ao sujeito que, independente do local de nascimento e moradia, se interessa pela preservação, divulgação e vivência da cultura do homem ligado a práticas do campo.

A história da região onde o cavalo Campeiro é criado, principalmente no Planalto Serrano de Santa Catarina, revela a passagem de tropeiros advindos do Rio Grande do Sul com destino a São Paulo, além do evento histórico da Revolução Farroupilha, que explica um pouco a identidade “gaúcha” nesta região (Zalla & Menegat, 2011) e também a afeição e o uso de equinos na pecuária local. A relação entre tradição, cultura, família, e o uso de um recurso genético animal específico é comumente observado em estudos de raças locais (Terrisse, 2005).

A SP *Afeição por equinos* representou grande percentual na categoria 1, sendo dividida em duas SS (*Equinos em geral* (20,12% da categoria 1), e *Específica pelo cavalo Campeiro* (36,57%). Esta última SS foi dividida em quatro subcategorias terciárias (ST), sendo elas *Comodidade* (15,2%), *Rusticidade* (7,72%), *Docilidade* (7,38%)

e *Resistência* (6,37%). Percebeu-se que a espécie equina, e a raça Campeiro, não são meros coadjuvantes nas fazendas. O orgulho acentuado em relação ao cavalo Campeiro, somado a existência de uma identidade local bastante forte, é indício de que a criação desta raça em Santa Catarina será provavelmente mantida a médio e longo prazo, caracterizando um cenário favorável, tanto no âmbito conservacionista como no desenvolvimentista. Esse resultado nem sempre é encontrado entre criadores de raças locais, onde muitas vezes existe intenção de realizar cruzamentos inter-raciais para melhoria de determinada característica ou até substituição do material genético tradicional.

De acordo com o discurso dos entrevistados, verificou-se que o cavalo Campeiro é um animal rústico (f=23), resistente (f=19), marchador, logo, confortável (f=45), ideal para longas cavalgadas, trabalho rural, adaptados ao clima da região e ao sistema de criação a campo. Além disso, o discurso revelou que se trata de animais dóceis (f=22), o que facilita a utilização por crianças e pessoas menos habituadas a montaria. São exemplos de UCEs: *“Pelo conforto do andar dele”*; *“É uma resistência muito forte às nossas condições climáticas”*.

A SP *Finalidades* foi dividida em duas SS: *Trabalho rural* (10,07%) e *Lazer* (7,38%). São exemplos de UCEs: *“na lida com o gado é um animal ágil, valente”*; *“comecei a criar por causa das cavalgadas”*; *“também vejo que a piaçada usa para laçar”*. A aptidão da raça Campeiro para serviços de sela foi reportada por McManus et al. (2005), estudando medidas lineares. Já o uso de raças equinas locais não somente no trabalho de pecuária, mas também no lazer das comunidades rurais foi reportado por Gianluppi et al. (2009) e Santos et al. (2004), para as raças equinas locais Crioulo e Pantaneiro, respectivamente. O lazer abrange cavalgadas turísticas, torneios de laço, provas de tambor e baliza, sendo também o turismo equestre uma alternativa de lazer de destaque, que permite contato direto com a natureza e a melhoria de qualidade de vida (Naime & Carvalho, 2009). Neste sentido, o conforto (comodidade) oferecido pela marcha do cavalo Campeiro seria um potencial a ser explorado mais intensamente.

A Categoria 2 (*Percepções sobre o desenvolvimento da raça*) foi constituída por 35,24% do total de UCEs. Essa categoria foi dividida em duas SP, *perspectivas favoráveis* (58,65%) e *dificuldades* (41,34%). Da SP *Perspectivas favoráveis* emergiram três SS: *Procura por exemplares* (20,67%), *Estratégias de divulgação* (23,46%) e *Expectativas positivas em relação à expansão da raça* (14,52%). A procura pelo cavalo Campeiro pode ser reflexo do aumento da demanda pela população urbana por atividades de lazer no meio rural, para alívio do estresse (Naime & Carvalho, 2009). Exemplos de UCE que compuseram essa SS são: *“o pessoal que mora em cidade grande gosta de sair para descansar”*; *“no meu entendimento cresce muito nas pessoas o gosto por andar a cavalo”*. Alguns atributos da raça Campeiro, presentes em UCEs agrupadas nas ST da categoria 1, foram encontradas também na SS *Estratégias de divulgação*, na categoria 2. Assim, ao mesmo tempo em que algumas qualidades da raça refletem na afeição que os proprietários possuem, estes atributos são vistos como potenciais estratégias de *marketing*. Um exemplo de UCE nesta SS é: *“... porte do animal, andar, docilidade, adestramento (...), se o animal reunir tudo isso em um conjunto (...) ele tem que valer muito!”*. Assim, eventos promovidos pela Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Campeiro (ABRACCC) e outras exposições e feiras agropecuárias de âmbito local ou nacional são oportunidades de demonstrar a funcionalidade da raça, reunir criadores e agregar valor. Percepções acerca de possíveis estratégias de divulgação foram bastante frequentes no discurso dos entrevistados (f=42), como na UCE: *“Então acho que as exposições são as propagandas do cavalo campeiro”*. No caso da raça de equinos Crioulo, também do Sul do Brasil, o Prêmio Freio de Ouro foi um instrumento de avaliação e divulgação dos animais, e que se tornou um veículo de seleção dos melhores exemplares (Gianluppi et al., 2009). Outra estratégia de divulgação relatada pelos entrevistados foi a doação de animais, ou o empréstimo de reprodutores, com o intuito de agregar entusiastas e incentivar a criação (*“os primeiros potros que nasceram eu dei de presente para familiares para adquirirem o gosto pela raça”*). As diversas alternativas de divulgação reveladas pelos entrevistados explica um cenário otimista em relação ao futuro, verificadas na SS *Expectativas positivas* (14,52% da categoria 2). Observou-se entusiasmo em relação à expansão da raça (*“acho que a raça campeira tem lugar reservado na preferência das pessoas”*; *“é uma raça que tem muito para crescer”*).

A categoria 2 foi marcada por duas SP antagônicas. A SP *dificuldades*, foi dividida nas SS *Comercialização* (22,35% das UCEs da Categoria 2) e em *Estrutura organizacional* (18,99%). Uma UCE que exemplifica dificuldades de comercialização são: *“na verdade ainda não sou um criador apenas proprietário”*. Percebe-se que introduzir conceitos de empreendedorismo, em pequena escala, ou não, talvez seja uma alternativa a ser trabalhada junto à associação de criadores. O *marketing* da raça também parece ser um ponto a ser discutido em futuros encontros e etapas de diagnóstico (*“O que esta faltando na raça é marketing, divulgação, saber apresentar”*).

Na SS *estrutura organizacional*, os entrevistados citaram alguns detalhes a serem melhorados, com intuito de dar maior visibilidade a raça (“*acho que depende agora dos criadores uma organização melhor*”; “*a associação deve desenvolver um projeto de expansão*”). Foi mencionada também a inexistência de um padrão morfológico mais detalhado e dificuldades em encontrar bons domadores (“*...padrão morfológico encontra uma disparidade*”; “*Os núcleos de criação deveriam trocar mais informações sobre a criação*”; “*existe um grande problema de doma na região*”). No caso do desenvolvimento de equinos da raça Crioulo, um exemplo de sucesso, a agregação de valor foi resultado de um processo composto por genealogia, somada ao manejo, doma, treinamento e marketing (Gianluppi et al., 2009).

Percebe-se que a disparidade (%) entre as duas SP da categoria 2 foram brandas. Assim, os entrevistados percebem perspectivas favoráveis para o desenvolvimento da raça, mas revelam a existência de gargalos e a necessidade de planos de ação mais aguerridos. É possível que o auxílio de agentes de desenvolvimento, serviços de consultoria e o conhecimento de experiências estrangeiras contribuam de modo positivo para o diagnóstico da situação e o surgimento de propostas para o futuro próximo. Todavia, é importante ressaltar que algumas etapas iniciais e fundamentais do processo de conservação, fortalecimento e divulgação de uma raça zootécnica já foram alcançados, como a existência de uma associação oficial de criadores, contendo diretoria, presidência, conselho deliberativo técnico, etc., e a existência de regulamentos, como o regulamento para registro genealógico, para núcleos regionais da raça, para o julgamento de morfologia, da prova de marcha e também das provas funcionais. Acrescentam-se ainda, uma página eletrônica para divulgação da raça e de notícias e eventos ligados ao cavalo Campeiro. Além disso, em 2013 a raça de cavalo Campeiro participou pela terceira vez da maior exposição agropecuária da América Latina (Expointer) (ABRACCC, 2013).

### Conclusão

Com base na análise do discurso dos criadores, percebe-se uma forte identidade com relação à cultura local e a criação do cavalo Campeiro. São notórias as questões ligadas à tradição, herança familiar, e o uso desse recurso genético no trabalho e lazer rural. O grande afeto pela espécie equina, em particular pela raça de cavalo Campeiro, cria um cenário favorável, e mais tranquilizador, na perspectiva da conservação do “Marchador das Araucárias”. Essa hipótese é reforçada pelo otimismo aparente, as diversas estratégias de divulgação e agregação de valor enfatizado, além da demanda por animais desta raça. Alguns problemas e dificuldades detectadas, como aspectos organizacionais e de capitalização, servirão de norte para etapas futuras de diagnóstico, formulação de ideias, diálogo e prospecção acerca do cavalo Campeiro. É provável que esforços e planejamentos mais aguerridos sejam necessários se existir intenção de atender as demandas existentes, divulgar e comercializar mais fortemente o cavalo Campeiro.

### Bibliografia

- ABRACCC. 1984. Campeiro, o marchador das araucárias. Curitiba: Panfleto 6p.
- ABRACCC. 2013. Regulamento do julgamento de morfologia: Regulamento para exposições oficializadas. Disponível em: <http://cavalocampeiro.com/regulamentos/regulamento-do-julgamento-de-morfologia/>. Consultado em: 28/05/2013
- Bardin L. 2004. Análise de Conteúdo. 3th Ed. Edições 70, Portugal: Lisboa
- Campos E.C. 1998. O Gauchismo em evidência: Movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina (1959-1997). Revista Esboços 6, 39-46.
- Egito A.A., Mariante A.S. & Albuquerque M.S.M. 2002. Programa Brasileiro de Conservação de Recursos Genéticos Animais. Archivos de Zootecnia 51, 39-52.
- FAO. 2007. The State of the World's Animal Genetic Resources for Food and Agriculture. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/010/a1250e/a1250e00.htm>. Consultado em: 20/05/2013
- Giacomoni E. H. 2007. Estudo da variabilidade genética em quatro raças brasileiras de cavalos (*Equus caballus* - equidade) utilizando marcadores microssatélites. Tese. Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Gianluppi L.D.F., Bortoli E.C., Sobrinho R. S., Falcão T.F. & Silva T.N. 2009. Agregação de valor em equinos da raça Crioula: um estudo de caso. Archivos de Zootecnia 58, 471-4.
- Gordo J.M.L., Silva M.C., Solano G.A., Lopes F.B.L., Costa M.F.O, Rocha, F.E.C., Fioravanti M.C.S. & Sereno J.R.B. 2013. Cattle farmers: profile and speech content analysis while undergoing training to adopt artificial insemination in Goiás State, Brazil. Revista Brasileira de Zootecnia 42, 162-7.

- Lima R. A. S., Shiota R. & Barros G. S. C. 2006. Estudo do complexo do agronegócio cavalo. Piracicaba, Centro de estudos avançados em economia aplicada/ ESALQ/USP. 250p.
- Mariante A.S., McManus C. & Mendonça J.F. 2003. Country report on the state of animal genetic resources: Brazil. Documents / Embrapa Genetic Resources and Biotechnology 99, 122p.
- Mariante A.S., Egito A.A., Alves A., Albuquerque M.S.M., Paiva S.R. & Ramos A.F. 2008. Managing genetic diversity and society needs. *Revista Brasileira de Zootecnia* 37, 127-36.
- Mariante A.S., Albuquerque M.S.M., Egito A.A., McManus C., Lopes M.A. & Paiva S.R. 2009. Present status of the conservation of livestock genetic resources in Brazil. *Livestock Science* 120, 204–12.
- McManus C., Falcão R.A., Spritze A., Costa D., Louvandini H., Dias L.T., Teixeira R.A., Rezende M.J.M & Garcia J.A.S. 2005. Caracterização morfológica de equinos da raça Campeiro. *Revista Brasileira de Zootecnia* 34, 1553-62.
- Naime R. & Carvalho S. 2009. Percepção dos cavalgadores sobre perspectivas do turismo ecológico no Rio Grande do Sul. *Revista e-Civitas* 2, 1-16.
- Pessoa Filho N. 2006. *Larousse dos cavalos*. São Paulo, Larousse. 287p.
- Santos S.A., Mazza M.C.M., Sereno J.R.B., Mazza C.A.S., Pedreira A.C.M.S., Mariante A.A.S., Silva J.A. & Marques M.C.A. 2004. Sistema de criação de cavalos Pantaneiros no pantanal. *Archivos de Zootecnia* 53, 333-6.
- Silva A.C.M., Paiva S.R., Albuquerque M.S.M., Egito A.A., Santos S.A., Lima F.C., Castro S.T., Mariante A.S., Correa P.S. & McManus C. 2012. Genetic variability in local Brazilian horse lines using microsatellite markers. *Genetics and Molecular Research* 11, 881-90.
- Solano G.A., Silva M.C. & Sereno J.R.B. 2011. Aspectos sobre o sistema de criação de cavalo Campeiro no Sul do Brasil. *Actas Iberoamericanas de Conservación Animal* 1, 405-7.
- Suprinyak C. E. 2006. Comércio de animais de carga no Brasil imperial: uma análise quantitativa das tropas negociadas nas províncias do Paraná e São Paulo. Dissertação. Departamento de Economia, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, Brasil.
- Terrisse B.F. 2005. Melhorando o desempenho de raças locais de ovelhas. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia* 2, 16-9.
- Zalla J. & Menegat C. 2011. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. *Revista Brasileira de História* 3, 49-70.